ANO II — Lisboa—Segunda-feira, 30 de Setembro, de 1918 — N.º 480

Polaccerce pola:grei

A Monarquia

Diario Integralista da Tarde

ENDEREÇO TELEGRAFICO: — «MONARQUIA»—LISBOA

Director
Conde de Monsaraz

Redactor principal
Antonio Sardinha

Propriedade da Sociedade Integralista Editora, Limitada

Escritorios e tipografia
R. de S. Paulo, 20

Impressão — Rua de Stefania, 134

Editor — João M. Santos

Telefone: C. 1038

A volta do Rei

Nunca as soluções provisorias poderão resolver o problema português. As soluções provisorias podem, quando muito, solucionar o problema da paz interna, e o problema nacional que nós temos diante de nós para resolver não se nos apresenta apenas sob o aspecto duma crise de ordem, mas sim como uma crise verdadeiramente nacional, exigindo soluções definitivas.

Foi a republica velha capaz de resolver o problema nacional? E' a republica nova por sua vez capaz de o solucionar? Não. Tanto uma como outra não teem feito mais do que agrava-lo com a sua incompetencia, agravando e continuando todos os erros que o Constitucionalismo trouxe a Portugal.

Provada, pois, a incompetencia da republica para solucionar a questão nacional, uma unica solução nós temos deante de nós para aplicar a Portugal:—a volta do Rei, o regresso á Monarquia.

Só com a volta da Monarquia nós teremos solucionado o problema nacional em todos os seus aspectos. Só com o regresso do Rei nós teremos *definitivamente* assegurado a *ordem social*, só com o seu regresso nós regressaremos a nós mesmos, á consciencia perdida da nossa nacionalidade, Mas é necessario para isso que a Monarquia seja apenas uma Monarquia,—é necessario que o Rei seja o Rei de Portugal.

Porque desprezou os ensinamentos do Passado para se entregar nos braços das quimeras da Revolução — a Monarquia constitucional arrastou Portugal ao desastre presente, fazendo do Rei apenas um funcionario, conferindo ás multidões o direito de governarem,—como se alguma vez as multidões fossem competentes para dirigir o governo duma Nação!

Transigindo com os principios da Revolução,—a Monarquia tinha infalivelmente que se apoiar no criterio da competencia das maiorias, pondo de parte as minorias competentes, e sacrificando a vontade do Rei á mentira da vontade nacional. [illegible] rigorosamente verdadeiro que nos ensina que só as minorias, porque são producto duma selecção, são competentes para dirigir ou auxiliar a direcção do Estado. Por outro lado esqueceia-se que só o Rei consubstancia em si o interesse Nacional, porque só o Rei, como diz André Buffet, «é directamente bastante interessado no bem publico para governar unicamente ou segundo um sistema. O Rei é o cerebro, o sistema nervoso central da nação. Ele freme perante o perigo comum, ele aspira á comum prosperidade. A sua natureza profunda, a sua função necessaria e natural, ou, se se preferе usar a linguagem dos geometros, a *sua posição* obrigam-no a regular-se sobre as necessidades do bem publico. O Rei pode enganar-se, sem duvida, na sua previsão destas necessidades, [illegible] procura-as, ele é forçado a procura-las, e, logo que o erro seja apercebido, ele é induzido *pelo seu proprio interesse* a corrigi-lo...»

Certamente que se encontra dentro da logica o facto de uma republica de cór-ão não querer um Rei com vontade e força para mandar. A mentira democratica costuma afirmar sempre que o Rei apenas trata do seu interesse, pondo de parte o interesse da Nação, e que só o Povo é competente para dirigir os destinos do país, intervindo na governação por intermedio do Parlamento.

Nos seus «Dialogues philosophiques» Renan mostra-nos como é falso esse criterio, e escreve que «la Royauté nous montre une Nation concentrée en un individu ou, si l'on veut, en une famille, et atteignant par là le plus haut degré de la conscience nationale, vu qu'aucune conscience n'égale celle qui résulte d'un cerveau.»

Porque nenhuma consciencia iguala a que resulta dum cerebro,—a reabilitação dos Reis encontra-se feita. E' necessario que todos os monarquicos se convençam de que só o Rei consubstancia o interesse Nacional, como só na pessoa do Rei existe a Soberania e a Força.

Era esse precisamente o pensamento que alimentavam os hebreus quando diziam a Samuel: «Queremos um chefe que marche á nossa frente e que faça a guerra comnosco!» E' esse pensamento que nós alimentamos, porque nós queremos que o Rei de Portugal não seja amanhã um funcionario publico pago pela nação para assinar os decretos que o Parlamento faz,—mas que seja um Rei com Poder para governar, com força para impôr a sua vontade sempre ao serviço do interesse da Nação.

Referindo-se á formula constitucional «o rei reina mas não governa», o doutor Cunha e Castro escreve no seu «Novo Principes»:—«O principio de Thiers é falso e não pode deixar de ser seguido de pessimas consequencias, ainda mas monarquias representativas para que foi inventado. *Realeza* sem *realidade*, ou poder *regio* sem ser *real*, não vejo para que possa servir. Se se quer dar ao afonismo do publicista francês o sentido verdadeiro, profundo, e cheio de uteis consequencias, praticas, é preciso transformá-lo neste outro: «o rei governa, mas não administra.»

E' realmente esta formula que a Realeza de amanhã deve trazer consigo, ponto de parte a formula arcaica de Thiers. Ela deve trazer consigo o maximo de poder com o minimo de administração, porque a função do Rei é apenas *governar*, deixando a administração ás autarquias locaes, fomentando por toda a parte a descentralisação administrativa.

Só num estado absoluto podem coexistir o governo com a administração. Num estado normal, equilibrado, o Rei é na questão administrativa apenas o elemento fiscalisador, o elemento que mantem o equilibrio entre todas as autarquias, entre todas as organisações administrativas que gosam de autonomia.

Desviando a sua atenção da questão administrativa para a questão propriamente de governo, o Rei fortalece o seu poder, reune á sua volta o maximo de força e de auctoridade, — emquanto que garante á Nação o usufruto de todas as liberdades atinentes ás responsabilidades que lhe pertencem.

Nada de auctoridade sobre os cidadãos sem liberdade equivalente, mas nada de liberdade sem uma soma de responsabilidade correspondente,—escreve o conde de Lur-Saluces.

E' esse pensamento que a Realeza tem que realisar em Portugal amanhã. A maxima descentralisação administrativa, para que se possa realisar tambem o maximo de *governação*, o maximo de auctoridade, a centralisação da Força e do governo, para que a Realeza seja una e energica e prestigiosa, para que a Nação se sinta fortalecer com ela.

Este fim não o pode, porem alcançar uma Monarquia subjugada á mentira da Soberania Popular, uma Monarquia que tenha como diploma basilar uma Constituição importada do extrangeiro e pôr extrangeiros posta a vigorar em Portugal. «Desenganem-se os Reis, desenganem-se os Povos», que as constituições teem que possuir solidos fundamentos historicos, teem que possuir raizes bastantes profundas no povo, para que o possam governar convenientemente.

Essa constituição, mais oral do que escripta, não era positivamente a que nós possuiamos em 1910, mas será a que possuiremos quando a monarquia voltar novamente a terras de Portugal.

«Desgraçado prestigio, ou desgraçado pretexto, este das cartas!»—escreve José Agostinho de Macedo nas paginas formidaveis do «Desengano.» «Este invento revolucionario das Cartas, desenganem-se os Povos, é conservar em vida as revoluções. Desenganem-se os Monarcas, se eles querem a conservação do Trono, não queiram Carta, e se querem Carta, não terão segura nem a magestade, nem a existencia do Trono.» E paginas adiante, o panfletario contra-revolucionario coloca perante os Reis esta «Maxima Politica de eterna verdade.»

«Todo o Monarca, que por meio de uma Carta, que lhe extorquirem, ou ele imprudentemente queira dar, chamar os Deputados do Povo; e dividir com eles o seu independente Poder Legislativo, abdicou efectivamente a sua propria soberania».

Desenganem-se os Reis, desenganem-se os Povos! A Monarquia não póde tolerar relações com os dogmas da Revolução, porque os dogmas da Reaolução são a condenação formal da Monarquia!

A volta do Rei não póde ser, pois, a volta da Monarquia bastarda que em 1910 desapareceu em Portugal ao sopro da onda republicana. O Constitucionalismo apodrecido que atirou com a Monarquia Portugueza por terra não poderá amanhã vir novamente a Portugal preparar o advento duma nova republica.

Não! Nós queremos, quer comnosco a Nação que a volta do Rei seja a volta da Monarquia. A volta da Monarquia será o repudio dos principios da Revolução, será a destruição dos seus dogmas e de todos os seus negativismos sociaes. A Soberania popular deixará de existir, o Parlamento deixará de existir, a Liberdade deixará de existir,—porque são burlas apenas, que apenas servem para entravar o governo da Nação!

Mas a volta do Rei será a volta á Soberania da Nação, personificada no Rei, será a volta ás Côrtes onde o povo tem voz, será a volta ás liberdades tradicionaes que em nome da Liberdade o Constitucionalismo roubou ao povo...

A volta do Rei será, sobretudo, a volta de Portugal a si mesmo!

Augusto da Costa.

Ao leitor d'A MONARQUIA

Depois de lido, enviar este jornal ás Juventudes Monarquicas Conservadoras, Nucleo Regional de Lisboa, travessa das Mercês, 53, a fim desta o mandar para os nossos soldados no «front».

Emboscado...

A *Republica* de ontem publica a carta dum *brasileiro* que, despresando a hombridade cavalheiresca desses portuguezes de além mar, nem sequer se põe a descoberto, onde se procura tornar antipaticos aos brasileiros os monarquicos portuguezes, a proposito de alguns seus compatriotas degenerados pela politica.

De nada lhe servirá porém o ardil. Diga-nos primeiro quem é e depois falaremos, porque nós não respondemos... a *emboscados*!

«Só tu és digno!...»

José do Vale, entusiasmado, num repto ao *heroe* de Rhodam:

«Meu caro Antonio Maria!...

Só tu és digno!»

¿Então os outros *heroes* das diversas manifestações republicanas não são tambem *dignos*, *honrados* e *prestantes* cidadãos?...

—Querem ver que os ares do Bom Jesus o fizeram *reacionario* e que aquela especialisação do sr. *Antonio Maria* foi apenas feita para depreciar os outros!...

PARA ONDE?...

Do *Diario Livre*:

Antonio Maria da Silva é a Republica em marcha.

Em marcha? Para onde?...

—Talvez para Vila Velha de Rhodam, onde parece que as aguas fazem muito bem... *á pobreza*!...

COMENTARIOS

Duvida sem razão

Transcrevendo uma parte dum artigo intitulado «A unica solução», do nosso camarada Felix Correia—em que se afirmava que Portugal só poderia salvar-se pela volta da verdadeira Monarquia—não pelo enxerto criminoso do «liberalismo» —comenta a «Revista Catolica»:

A monarquia será o meio de salvar Portugal, se ela fôr uma «verdadeira monarquia» e não uma republica coroada; sobretudo, se ela fôr profundamente crista.

Mas estarão os politicos monarquicos resolvidos sinceramente a abandonar as velhas idéas e actos liberalistas?...

Reconhece o nosso presado colega que **a verdadeira Monarquia será o meio de salvar Portugal**! Mas duvida que os «politicos» monarquicos abandonem as velhas ideias e costumes do constitucionalismo. A isto responderemos que podem embora os «politicos»—na peior acepção do termo—pretender estragar a futura Monarquia com a infiltração de praticas dissolventes, pode a intriga de campanario sair para a rua na sua maxima força! Mas do que podem estar certos é de que a Mocidade Portuguêsa não recuará no bom combate pela verdade monarquica—e quando uma geração «quer» com uma tal convicção, de nada servem as habilidades e os «trucs» dos velhos na idade e nas ideias!

Impossivel!

Referindo-se a uma afirmação da «Situação sobre a iminencia duma revolução democratica e a certeza do seu esmagamento, pergunta a «Revista Catolica»:

Mas, não seria melhor cortar o mal pela raiz, dando um golpe profundo na Maçonaria?

Ah! se o governo quizesse...

Engana-se lamentavelmente o jornalista catolico. De nada lhe serviria o «querer» ou o «não querer» do governo nesse assunto. A Republica é a Maçonaria na sua essencia e enfraquecer a Maçonaria seria destruir a Republica, sendo este o unico meio de se conseguir o fim que os bons catolicos teem em vista. Mas, acha o nosso presado colega vinavel que um governo «republicano» se disponha a sacrificar-se e a sacrificar o regimen, só para que a *Patria se salve*?—Então é *porque nem a* longa pratica das coisas da vida lhe conseguiu roubar a ingenuidade juvenil. Porque, quando o essencial é salvar os interesses pessoaes, os nossos governentes consideram o bem publico uma ninharia!...

O livro dum transfuga!

«A Montanha» transcreveu no seu ultimo numero alguns trechos do infame papelucho que Paulo Osorio — esse transfuga sem caracter e sem consciencia — fez publicar em Paris, como que a incitar os aliados a uma «intervençãosita» que puzesse de novo no poleiro os sicarios que agora lhe pagam!

Se não tivessemos desde ha muito um juizo formado sobre o que é a miseria moral desse «fabricante de frases», o trecho transcrito na «Montanha» bastaria para que avaliassemos do seu caracter e da sua inteligencia.

Pelo que já conhecemos dele, o seu opusculo é um apontoado de calunias que nem teem o merito de ser habeis. As mentiras mais infantis que se teem inventado nas alfurjas maçonicas são os materiaes sobre que assenta essa ignobil peça de escrevinhador.

Acima da indignação do nosso patriotismo perante a cabala destes traidores, só um sentimento nos desperta tal papelucho:—o nosso desprezo—e talvez a nossa «piedade».

Eis as principaes acusações do trecho transcrito:—a do tenente Constancio que foi plenamente desmentida ainda ha pouco; a das conferencias na Liga Naval, quando ainda não pensavamos na guerra, a do nosso «anti-democratismo»—como se isso não fosse a mais indispensavel condição do nosso «nacionalismo»; a da expulsão dos bandoleiros republicanos pela Nação; a do «germanofilismo» do nosso querido amigo e brilhante escritor dr. Antonio Sardinha, redactor principal deste jornal, a quem a demagogia da republica nova roubou o direito de se defender, para atrair sobre ela as simpatias das «esquerdas»; e finalmente, depois da transcrição dos magnificos versos do nosso querido amigo a do germanofilismo da sr. Sidonio Paes que não nos compete a nós desmentir, mas em que não podemos acreditar de fórma alguma e contribuindo para isso o ter sahido essa acusação donde sahiu!...

Eis a resenha duma parte dessa traiçoeira publicação republicana. Uma ideia cujos homens necessitam de descer a taes processos para vencer, «é uma ideia mortal»! Nós o afirmamos, nós o provaremos, «quando fôr necessarios!...

Regulando o pendulo...

O «Jornal da Tarde», orgão daquele malaventurado grupelho cue o sr. Egas Moniz fundou numa hora de repouso profissional para estudar um pouco as doenças de que se ocupa, dizia ha dias em fundo:

Mas um ponto fundamental ha de contacto entre o P. N. R. e os partidos radicais. E' a confiança na formula suprema do Regim. E' a comunhão na fé republicana.

E logo mais abaixo:

Mas somos conservadores e, como conservadores, medidas ha em que pode dar-se o acordo entre nós e os monarquicos.

Quer dizer nem muito *radical* porque seria perigoso *neste momento*, nem muito *conservador* porquê é preciso contar com o dia de *amanhã*.

Muito previdentes estes senhores do Centrismo!...

—Um partido? —Nunca!

O *Jornal da Tarde* comentando uma afirmação aqui feita, refere-se propositadamente ao Partido Integralista. Bem sabemos os intuitos que levaram o infeliz orgão do centrismo a dar-nos aquela designação. Não é pois para ele a nossa aclaração, mas sim para aqueles que, ou por ingenuidade ou por conveniencia, possam tomar a sério essa denominação.

O Integralismo não é um *partido*—e de contrario não faria sentido, visto que a sua acção tende á eliminação de todos os *partidos* — agrupamentos perniciosos a que Portugal deve em grande parte o seu enfraquecimento.

O Integralismo é apenas uma ideia á volta da qual se junta toda uma geração para a defeza sagrada do nosso patrimonio e da nossa Tradicção.

O Integralismo não é um partido—e por mais de uma vez essa afirmação tem sido feita. E' apenas a coordenação logica das ideias francamente *nacionalistas* do pensamento lusitano.

A geração que se agrupa á volta da nossa Bandeira não pretende conquistar o poder para satisfazer a validade de clientelas—unico fito de *todos* os *partidos*. Ela pretende apenas que neste desmanchar sinistro da Nacionalidade recorramos ás instituições que nos fizeram grandes quando ainda lhes não tinham inoculado o veneno preverso da Democracia!

PORTUGUESES!

Os prisioneiros de guerra passam privações

Enviai á Junta Patriotica do Norte—Paços do Concelho—Porto—generos ou roupa, que esta os fará chegar ao seu destino.

"Politica Religiosa,,

A *Revista Catolica*, nosso presado colega de Vizeu deu-nos a honra de transcrever no seu ultimo numero diversos trechos do magnifico editorial do sr. dr. Xavier Cordeiro, nosso querido amigo e ilustre presidente da Junta Central do Integralismo Lusitano.

Depois de transcrever a parte que diz respeito á politica religiosa do liberalismo maçonico, comenta:

Grandes verdades!

Effectivamente, a doentia preoccupação de ter o clero acorrentado aos partidos, caracterisa toda a legislação ecclesiastico-civil do periodo constitucional. Ainda mesmo concedendo-lhe regalias e honras, o Estado não tinha em vista nobilitar o clero, facilitar-lhe a sua missão espiritual, recompensar-lhe os seus serviços, como aliás seria justo, mas sigema-lo, acorrentando-o ao carro da politica partidaria e assim tirar-lhe toda a energia e independencia para revindicar os direitos da Egreja.

O clero escravo, a Egreja submetida ao Estado — tal era a suprema aspiração dos politicos monarquicos que não se cansavam de apregoar a supremacia do poder civil, com o ridiculo receio de que a Egreja viesse a invadir a esphera d'acção do Estado.

Os resultados desta politica, se foram funestissimos para a Egreja, não o foram menos para a sociedade civil.

. . . . . .

Na verdade, a republica, sob o ponto de vista religioso, não fez mais do que continuar e completar a obra do constitucionalismo liberal, embora por outros processos. Este pretendeu anniquilar o catholicismo *«desagregando a comunidade religiosa, enfraquecendo a hierarquia da Egreja e desviando esta da sua altissima missão espiritual»*; por sua vez, a republica propoz-se extinguir o catholicismo em praso fixo—duas gerações — recorrendo á força, á violencia.

Não pode a Egreja esperar do actual regimen o reconhecimento pleno dos seus direitos e a reparação condigna das injurias sofridas, emquanto ele estiver sob a influencia da seita infernal que o gerou. Os factos ahi estão desgraçadamente a attestra-lo: sucedem-se os governos e os partidos, fazem-se revoluções, a republica de radical torna-se conservadora, e entretanto, a situação da Egreja, na republica nova como na velha, quer no ministerio estejam os affonsistas, os evolucionistas, os camachistas ou os sidonistas, continua fundamentalmente a mesma—sem liberdade de associação e sem liberdade de ensino, expoliada dos seus bens e do direito de adquirir outros.

Na republica nova, diz com razão o sr. dr. Cordeiro, «mudámos apenas de processos e sem duvida para melhor: mas no fundo, mantem-se o Estado laico, o verdadeiro Estado republicano, anti-clerical e irreligioso».

E para terminar pergunte:

Podemos ter melhores esperanças da monarquia restaurada?

Eis uma gravissima interrogação que oxalá não tivesse razão de ser...

Diz o sr. dr. Cordeiro, depois de referir-se á politica religiosa da monarquia constitucional, da republica velha e da republica nova:

«Outra terá de ser, e bem diversa, a da monarquia restaurada:—teem os velhos a dura lição da experiencia e os novos, felizmente libertos dos preconceitos que originaram os passados erros, não permitirão que eles voltem a cometer-se.»

Será outra...

Mas porque não dizem claramente o partido monarquico, o sr. D. Miguel ou o seu logartenente, qual será a politica religiosa da monarquia restaurada?...

Porque não dizem o que pensam acerca das principaes reivindicações catolicas?...

Se não desejam voltar ao «statu quo ante», digam em que condições querem a Egreja; mas digam-no claramente. Será a unica maneira de pôr termo a questiuncilas irritantes.

Os catolicos, que monarquicos são, desejam a monarquia, mas desejam ainda mais a liberdade da Egreja. Com monarquia ou com republica, nunca Portugal será feliz se a Egreja não puder exercer plena e livremente a sua acção salutar.»

Pede o nosso ilustre colega que se diga o que pretende ser a *politica religiosa* da futura Monarquia. No que diz respeito ao Integralismo, nada mais pode pedir-nos o autor do artigo, visto que concorda com o que nestas colunas escreveu o sr. dr. Xavier Cordeiro, Presidente da Junta Central do Integralismo Lusitano.

Quanto á Causa Monarquica—impropriamente cognomida de *partido*,—apezar do illustre representante de S. M. El-Rei, sr. Ayres de Ornelas se ter solidarisado publicamente com a doutrina do referido artigo, não deixa de ser muito aproveitavel o alvitre feito. A Causa Monarquica, nesse ramo como em todos os outros da vida publica, deve adoptar um *programa*—vasto sem duvida e nada comparavel aos programas republicanos, desacreditados por completo—, em que se condense o aspecto principal da nova Monarquia, para que se dissipem de vez quaesquer equivócos que possam surgir.

E aqui tem ilustre colega, com os nossos agradecimentos, pela transcrição o que pensamos a tal respeito.

ATLAS
Companhia de Seguros
Rua do Crucifixo, 49

Uma fotografia

A *Republica* publicava ha dias o seguinte e interessante *conceito*:

Um insignificante pode ser o portador duma ambição desmarcada, que procurará realizar pelo crime, não podendo realiza-la por outros meios.

Brito Camacho

—Que lhe agradeça o sr. Afonso Costa a *amabilidade*...

Traição!

Tem-se fartado a imprensa republicana de todas as côres, e em especial a democratica com *O Mundo* á frente, de acusar Clemenceau de reacionario e de mau patriota por ter condenado o traidor Malvy e os seus sequazes a quem a mesma imprensa defende com particular ardor!

Pois Paulo Osorio—o escriba agora ao serviço dos republicanos—diz no seu folheto agora publicado:

Os metodos alemães de propaganda teem sido tão uniformemente aplicados por toda a parte que OS CASOS NUMEROSOS DE TRAIÇÃO, AS TENTATIVAS CRIMINOSAS CONTRA A PATRIA que comoveram ultimamente a opinião publica francesa e ocuparam e ocupam ainda a justiça deste país, teriam podido encontrar «pendant» em Portugal. Infelizmente tem-nos faltado em Portugal e faltarnos-á talvez até o fim desta crise dolorosa um outro «pendant»: o de Clemenceau.

Paulo Osorio não pode ser acusado de reacionario para nosso bem! Teem pois neste caso as suas palavras excepcional auctoridade.

—A que querem chegar pois os jornais sem vergonha e sem caracter que defendem os traidores franceses?

—A que quer chegar a gente desse sicario a quem Antonio José de Almeida acusou de querer desviar *para Berlim* o eixo das nossas relações internacionais ao mesmo tempo que concedia aos alemães a *porta aberta* em Angola?

Tudo parece ainda envolto em misterio! Não admira! Eles defendem-se, ocultando os seus crimes! A traição de Malvy só se conseguiu descobrir muitos meses depois de consumada!

E Bolo-Pachá—o amigo de Afonso Costa...—quando tombou deante do pelotão de execução já ha muito cometia os seus crimes!

A hora dos traidores republicanos ha-de tambem chegar, inexoravel e fatal!...

"A Monarquia"

A colitam-se agentes nas terras onde os não haja.

Um apelo aos integralistas

Ha dias aqui chamavamos a atenção dos nossos leitores para a situação que convem crear ao nosso jornal, facultando-lhe a maxima expansão, fazendo dele a maxima propaganda. Hoje voltamos a insistir, para que os nossos amigos atentem bem na situação actual, para que atentem no que o Integralismo tem feito já, e no que o Integralismo poderá fezer ainda, se houver dedicações fortes que nos auxiliem nesta campanha puramente nacionalista nas colunas deste jornal cucetado.

Os factos estão ahi a demonstrar que não tem sido perdido o esforço de todos aqueles que teem dedicado o melhor da sua inteligencia e da sua dedicação á propagação da Verdade Portugueza. Poucos de começo, apenas meia duzia, passando na mente dos homens scepticos apenas como uns *visionarios* que se embevecessem numa voluptuosa contemplação do Passado,—esses poucos conseguiram no entanto espalhar a semente a mãos largas, e a mãos largas colher os fructos... Não tenham duvidas os que duvidam da eficacia do nosso esforço! O Integralismo é já hoje puramente uma *aspiração nacional*, que dia a dia se radica mais na consciencia da Nação como sendo a unica solução para a crise tremenda que a Nacionalidade atravessa...

Sob a bandeira do pelicano forma alas o melhor da nossa mocidade, *toda* a mocidade que pensa e que tem ideias, sob a bandeira do pelicano forma alas tambem o que ha de mais competente em quasi todos os ramos do movimento social,—e até, santo Dens! aqueles mesmos que, aquando do nosso aparecimento, se riram e se mostraram desdenhosos para comnosco, hoje nos olham com carinho e nos fazem justiça, considerando-nos como uma ideia em marcha!

Nós somos realmente já hoje na politica portugueza o unico nucleo que, alem de não ter o minimo de responsabilidades no descalabro presente, mantem uma solida ideia constructiva, uma ideia que é uma solução integral do problema portuguez, uma ideia que marcha, cada vez mais firme no terreno que piza... Mas porque somos uma ideia que marcha devemos deixar-nos adormecer sobre os louros do triunfo? Não. E' necessario que a nossa propaganda se intensifique! E' necessario que todo o nosso esforço consiga trazer até nós todos aqueles nossos amigos *du dehors* que por esse país fóra nos acompanham!

E' necessario que «A Monarquia» se expanda, que os nossos amigos para ela angariem assinaturas, que dela façam a maxima propaganda.

Nós temos um alto serviço a cumprir: —salvar Portugal pela Monarquia! Esse destino só será cumprido se nós conseguirmos fazer «monarquicos», e por isso nós trabalhamos incessantemente para que uma poderosa corrente «monarquica» seja creada em Portugal!

Que todo o integralista cumpra o seu dever intensificando a sua propaganda doutrinaria! Que todo o integralista angarie assinantes para «A Monarquia», que todo o integralista se inscreva como subscritor de Bolsa de Propaganda Integralista e para ela angarie subscritores, que, numa palavra, todo o bom integralista, para que cumpra o seu dever de português, não esqueça o nosso brado de

Propaganda!

Propaganda!

Propaganda!

MUSICA

Weber, escritor

Percorrendo mentalmente a historia da musica, impressionar-nos ha, a partir de Beethoven, o numero de compositores, que, embora por dilletantismo, cultivaram a literatura.

Essa impressão tem a sua primeira origem no contraste com as epocas anteriores, em que os artistas em geral, e particularmente os musicos, se distinguiam mais pela força instintiva do seu genio do que pelo brilho e cultura do seu espirito.

A tradição classica que até ao seculo XIX, desde a Renascença, trouxera a vida mental adstrita á imitação forçada dos moldes antigos, exerceu na musica a sua influencia, reduzindo a composição musical a um simples preenchimento de quadros, de esquemas, «á priori» estabelecidos.

A grande renovação do Romantismo, movimento na sua essencia justo, veiu entregar a arte ao seu verdadeiro fim: a emoção, a vida, a interpretação de sentimentos e de impressões feita forma, e assim se realisou a aproximação das diversas formas de arte, traço essencial, caracteristico da nova época: Delacroix pintando Shakespeare e Dante, Liszt e Berlioz descrevendo pelos sons obras primas da literatura e até da pintura. O desejo cada vez mais vivo de sensações, a curiosidade do artista por tudo quanto lhe alimentasse a fantasia, creoram-lhe a necessidade imediata de cultivar o espirito fóra do seu ramo artistico especial e, portanto, em primeiro logar, de lêr. Weber, Mendelssolm, Schumann, Liszt, Berlioz, foram leitores apaixonados, como se depreende da sua obra literaria, poesia ou prosa, critica musical ou simples correspondencia, em que se destacam, cheias de relevo, as suas qualidades de estilo